

instit

F.M. 6. JAN. 59

## Judite Lauand entre os concretistas que vão expor na Galeria de Arte das FOLHAS

Hermelindo Fiaminghi, Kazmér Fejér, Luís Sacillotto, Maurício Nogueira Lima e Valdemar Cordeiro os de mais expositores

"Porque amo a síntese, a precisão, o pensamento exato", eis como a pintora Judite Lauand justifica sua filiação à corrente de arte concretista, que, dentro de alguns dias terá seis representantes, em mostra simultânea, na Galeria de Arte das FOLHAS, na al. Barão de Limeira, 425. Judite Lauand estudou na Escola de Belas-Artes de Araraquara, já expôs muitas vezes nesta capital como no Rio de Janeiro e em cidades do interior paulista. Na próxima exposição da Galeria de Arte das FOLHAS ela vai figurar ao lado de Hermelindo Fiaminghi, Kazmér Fejér, Luís Sacillotto, Maurício Nogueira Lima e Valdemar Cordeiro. Estes novos expositores concorrem também ao Premio Leirner de Arte Contemporânea para 1958.

### A PINTORA

A razão de se dedicar à pintura, consoante suas próprias palavras, é o fato de "atender uma necessidade interior que reclama o trabalho de criação." Na pintura concreta, encontra ela possibilidade de pesquisa afins de seu temperamento já que "arma-se um problema e vai-se procurando resolvê-lo. Muitas vezes chega-se a mais de uma solução, outras vezes o próprio problema é o ponto de partida para outros estudos. Procuro objetivar o mais possível o problema plástico: pesquisa da forma, do movimento, da visualização, do espaço, tudo dentro de um espírito de síntese. Faço quase sempre formas muito re-



Judite Lauand

gulares, espaços simétricos, dinâmica mais ou menos simples, composições muitas vezes monotonas, exercícios mecânicos. Farei arte?" pergunta Judite Lauand.

A uma pergunta da reportagem das FOLHAS, respondeu Judite Lauand que sua pintura "não tem base filosófica, literária, social ou qual seja — ela se baseia em elementos inerentes à própria pintura: forma, espaço, cor e movimento".

Depois de recordar seus professores de Araraquara, Mário y Barra de Almeida, Lajaite Carvalho de Toledo, e Domenico Lazzavini, e Livio Abra-

mo, seu professor de gravura, Judite Lauand narrou uma de suas experiências nas reações populares ante os trabalhos concretos. "Executei, recentemente, um painel a tempera no hospital de tuberculosos de Araraquara, começou a artista. E' um jogo de quadrados vermelhos e verdes que se ligam por retas a quadrados pretos, no centro, criando dois sistemas de cubos vermelhos e verdes com planos ambivalentes em preto. O jogo de cubos cria uma experiência espacial rica: espaço que se interpenetram de uma vivência múltipla. Os operários que lá trabalhavam perguntaram: "O que representa o quadro?" Respondi-lhes: "Ele não representa nada. Ele é. "Fi-los ver o que era. Um deles disse-me que gostara do trabalho, que ele estava bonito mas preferiria ver lá a imagem de santo Antonio. Expliquei-lhe que a espiritualidade em arte tanto pode estar num trabalho concreto como na figuração de um santo. E ele disse que me entendeu", finalizou a artista.

No entender de Judite Lauand, para o povo gostar de arte concreta "é preciso que ele entre em contacto com ela. Não somente em vista a exposições: é preciso que se inverta o problema e que a arte vá até ele e não fique segregada em museus e galerias. E' preciso que a arte penetre realmente na vida pela aplicação imediata à indústria, à arquitetura, aos jardins...